

# Poliamor: uma forma não convencional de amar

*Sandra Elisa de Assis Freire<sup>1</sup>  
Valdiney Veloso Gouveia<sup>2</sup>*

**Resumo:** O poliamor pode ser inserido na categoria dos relacionamentos chamados não monogâmicos, por dizer respeito a prática de se envolver em múltiplas relações afetivas e sexuais com o consentimento das pessoas envolvidas. As formas de relações amorosas alternativas, como é o poliamor, têm permanecido à margem da sociedade por questionarem o modo de união sexual legitimado na sociedade ocidental. O poliamor enquanto movimento começou a ter notoriedade por volta da década de 1990. Adquirindo maior visibilidade nos Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido. A relevância da discussão e disseminação de tal temática tem sido evidenciada na academia, já que no ano de 2005 foi realizada na Universidade de Hamburgo, Alemanha, a primeira conferência internacional para discutir questões relacionadas ao poliamor. Não obstante, no Brasil, ainda são escassos os estudos envolvendo este tema. Nesta direção, esta pesquisa teve o objetivo de apresentar uma breve descrição sobre a história e prática do poliamor a partir da revisão bibliográfica dos estudos realizados no âmbito acadêmico, no intuito de conhecer o que tem sido produzido cientificamente sobre este tema.

**Palavras-chave:** Amor; Poliamor; relacionamento amoroso; academia.

## Polyamory: a non conventional way to love

**Abstract:** Polyamory can be inserted into the category of non-monogamous relationships, as it relates to the practice of engaging in multiple affective and sexual relationships with the consent of those involved. Alternative forms of lovemaking, such as polyamory, have remained on the margins of society by questioning the mode of legitimized sexual union in Western society. Polyamory as a movement began to become notorious in the 1990s. Acquiring greater visibility in the United States, Germany, and the United Kingdom. The relevance of the discussion and dissemination of this theme has been highlighted in the academy, since in 2005 the first international conference to discuss issues related to polyamory was held at the University of Hamburg, Germany. However, in Brazil, studies on this subject are still scarce. In this direction, this research had the objective of presenting a brief description of the history and practice of polyamory based on the bibliographic review of studies carried out in the academic field, in order to know what has been produced scientifically on this topic.

**Keywords:** Love; Polyamory; loving relationship; academy.

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí no Departamento de Psicologia. E-mail: sandraelisa.freire@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri e Mestre em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de Brasília. Pesquisador 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor Titular de Psicologia Social na Universidade Federal da Paraíba.

## Introdução

O amor é um tema presente ao longo da vida do ser humano. Geralmente é considerado o mais profundo e significativo dos sentimentos. Ocupa uma posição de destaque na arte e na literatura de todos os tempos, e é presumivelmente experimentado, ainda que ocasionalmente, pela grande maioria das pessoas. No final do século XX e início do XXI, o poliamor apresenta um discurso diferente sobre o amor. Propõe ser interessante e válido ter mais de um relacionamento amoroso e erótico. O termo combina elementos que vem das palavras derivadas do grego “*poli*” e do latim “*amore*”, que significa *vários amores*.

O poliamor apresenta um discurso diferente sobre o amor, em que a noção de amor é construída em torno de uma série de temas e valores, que constitui uma base ética pautada na honestidade, negociação respeitosa e igualdade (ANAPOL 2010; BARKER & LANGDRIDGE 2010), no qual todos os participantes estão cientes do caráter recíproco de seu relacionamento e do potencial não monogâmico do mesmo (KLESSE, 2011). A honestidade, em especial, é considerada como a pré-condição necessária para que tal processo seja possível a todos, e se constitui como axioma básico do poliamor. Desse axioma emergem a fidelidade, a lealdade, a confiança, a dignidade, o respeito, o apoio mútuo, a comunicação e a negociação, e a não possessividade (KLESSE, 2006).

Diante dessa afirmativa, o poliamor, no modo como se apresenta, desafia os ideais do amor romântico, que é predominante na cultura ocidental contemporânea, como também a monogamia, forma de relacionamento mais aceito e tolerado socialmente. Neste sentido, esta forma alternativa de amor recusa a monogamia como princípio ou necessidade (FÉRES-CARNEIRO & ZIVANI, 2009; KLESSE, 2011; WOLFE, 2003).

Além do amor, o ciúme também ocupa um espaço importante, uma vez que o mesmo é tema sempre presente nos fóruns de discussões sobre o poliamor. Os poliamorosos não se encontram isentos de sentir ciúmes, entretanto, eles tendem a vê-lo como algo a ser dominado, em vez de se deixar dominar por ele. Eles se mostram mais dispostos a lidar com essa emoção, falar a respeito, analisar as suas causas e ver o que podem aprender com o ciúme. Para lidar com o ciúme, os poliamoristas procuram cultivar um princípio bastante ressaltado por eles, chamado *compersão*; refere-se ao prazer e à alegria que uma pessoa sente ao ver seu (sua) parceiro (a) com outro (a) amante. Compreende um sentimento de empatia, frequentemente descrito como oposto ao ciúme (ANAPOL, 2010; DUMA, 2009).

Em termos acadêmicos, a produção de estudos que abrangia estilos alternativos de vida como o poliamor, o swing e relacionamentos abertos gays, teve o seu apogeu nos anos de 1960 e 1970. Apenas recentemente, percebe-se um novo interesse pelo estudo de relacionamentos abertos, também chamados de relacionamentos não monogâmicos consensuais (BARKER & LANGDRIDGE, 2010; RUBIN, 2001). Para Rubin (2001) a inserção da expressão “não monogâmias consensuais” foi inovador, uma vez que, anteriormente se encontravam excluídas da maioria das escritas científicas que abordavam temas sobre a não-monogamia, que geralmente só era considerada no contexto de infidelidades e como assuntos secretos. Neste sentido, denota-se que os relacionamentos amorosos parecem se encontrar em constante transformação.

Barker e Langdridge (2010) destacam que no ano de 2004 foi publicado o livro *The State of Affairs: Explorations in Infidelity and Commitment*, que incluiu dois capítulos sobre relacionamentos consensuais não monogâmicos, a saber: poliamor e relacionamento aberto gay. Após a publicação deste livro, precisamente no ano de 2005, realizou-se a primeira conferência internacional acadêmica, na Universidade de Hamburgo, Alemanha, especificamente para debater temas relacionados ao poliamor (PIEPER & BAUER, 2005); e

Haritaworn, Lin e Klesse (2006) publicaram uma edição especial na revista *Sexualities* sobre o mesmo tema.

No Brasil, também se observa, ainda que de forma tímida, o interesse acadêmico em realizar estudos com essa temática. Nesse contexto, as áreas da Sociologia (PILÃO & GOLDENBERG, 2012), Antropologia (PILÃO, 2015), Psicologia (FERES CARNEIRO & ZIVIANI, 2009) têm se debruçado em realizar pesquisas que discutam sobre temas como o poliamor. Diante do exposto, verifica-se a importância da realização de estudos que objetivem compreender os aspectos envolvidos na dinâmica do poliamor, sobretudo buscando conhecer como as pessoas se posicionam diante de tal forma de relacionamento. Ademais, aponta-se que no contexto brasileiro ainda são escassos estudos dessa natureza.

## Compreendendo o poliamor

Antes de abordar diretamente o tema do poliamor, faz-se necessário compreender um pouco suas origens e evolução enquanto forma de relacionamento amoroso e examinar alguns fatos históricos que foram relevantes para o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Embora suas raízes remetam às comunidades utópicas dos Estados Unidos do século XIX, a responsabilidade nos relacionamentos não monogâmicos começou a crescer vigorosamente na década de 1960.

Entre as décadas de 1950 e 1970, nos Estados Unidos, vários movimentos alternativos se formaram, ficando conhecido como movimento da contracultura. Nele, os jovens estadunidenses manifestavam seu descontentamento em relação ao “*American Way of Life*” (modo de vida americano), e levantavam as bandeiras dos lemas “*Peace and Love*” (paz e amor) e “*Make Love, Not War*” (faça amor, não guerra). O movimento da contracultura propunha uma nova maneira de agir, pensar e sentir (FERREIRA, 2005).

Os *hippies* e o *rock* caracterizaram o movimento da contracultura. Os hippies, em particular, por não se encontrarem inseridos na sociedade produtiva, eram porta-vozes das feridas na sociedade ocidental. O veículo que utilizavam para denunciar os problemas sociais da época era o rock, que se constituiu em uma das principais fontes inspiradoras de mudança da juventude. A transformação percebida na priorização dos valores foi traduzida na célebre tríade *sexo, drogas e rock'nroll*. Neste sentido, a prática sexual rompia a barreira do “papai e mamãe”, e muitas drogas passaram a ser consumidas por lazer e descoberta espiritual (CAMPOS, 2006; FERREIRA, 2005). Outra área que contribuiu trazendo transformações expressivas para uma geração que sofria forte repressão sexual foi o campo da moda, que provocou significativas inovações ao inventar a minissaia que se tornou um dos símbolos da expressão de liberdade emergente (CAMPOS, 2006).

Nesta direção, as mudanças nos campos citados afetaram direta e indiretamente o comportamento sexual dos indivíduos, e contribuiu de certa maneira, para o surgimento da chamada revolução sexual, que provocou mudanças expressivas na maneira de lidar com a sexualidade, levando muitos estudiosos a refletirem sobre esta temática (GIDDENS, 1993; RUBIN, 2001; STEARNS, 2010). Entretanto, Stearns (2010) ressalta que a introdução de surpreendentes métodos contraceptivos foi um dos elementos principais para o surgimento de um novo contexto de comportamento sexual, que passou a ter maior visibilidade no início da década de 1960. Nesse contexto, a pílula, em especial, foi considerada por muitos uma espécie de “balinha mágica”, que evitaria temporariamente a fecundação quando ingerida pelas mulheres. Foi a partir deste momento que o sexo começou a ser considerado como fonte de prazer e recreação e não apenas como tendo um fim procriativo (GIDDENS, 1993; STEARNS, 2010).

A pílula anticoncepcional foi um dos principais gatilhos para a revolução sexual, uma vez que deu acesso às mulheres à contracepção fácil e confiável. Giddens (1993), ao se propor discutir a sexualidade e as transformações que esta tem causado na construção da intimidade, chama de sexualidade plástica a sexualidade desvinculada da reprodução, abolindo o elo entre essas duas dimensões (sexo *versus* reprodução). Desta maneira, a sexualidade se torna autônoma, passando a ser expressa de diversas maneiras, de acordo com o propósito do indivíduo. A heterossexualidade deixa de ser o padrão de julgamento sexual, e a homossexualidade surge como um estilo de vida.

De fato, esta revolução abrangeu maior aceitação do sexo fora das relações heterossexuais e monogâmicas tradicionais (especialmente fora do casamento). A partir de então, "estilos de vida alternativos" começaram a emergir, tendo como pano de fundo a Guerra do Vietnam, os movimentos que exigiam os direitos civis, a liberdade da mulher e o reconhecimento da homossexualidade. Tais movimentos funcionaram como catalisadores da emergência pública de fazer popularmente conhecido os estilos de vida alternativos. Esta emergência esteve atrelada ao aumento do divórcio e da revolução sexual feminina, que levantaram questionamentos que desafiaram o significado do casamento, da vida familiar, dos papéis de gênero e da sexualidade (RUBIN, 2001).

De acordo com Rubin (2001), o termo *estilo de vida alternativo* engloba uma variedade de formas de famílias não tradicionais, como famílias monoparentais (um único progenitor e o filho), família com padrasto, família com dupla carreira, coabitação heterossexual, relacionamento de gays e lésbicas, casamentos abertos e relacionamentos múltiplos, por exemplo. Muitos desses estilos de vida se tornaram corrente principal de tópicos de estudo científico da família, especialmente o swing (o consentimento dos casais para a troca sexual do parceiro), o casamento grupal e o grupo de pessoas que vivem em comunidade compartilhando o trabalho, alimentos, renda etc. Este autor ainda ressalta que nos círculos acadêmicos, os estudos abrangendo esses estilos de vida começaram a ser pesquisados e as discussões em torno desses temas se encontravam inseridas em vários eventos relevantes da área.

Durante a década de 1970, os sociólogos Blumstein e Schwartz (1983) realizaram um estudo em que pediram a mais de 6.000 casais que confirmassem se eles possuíam ou não um acordo que permitia o sexo fora de seu relacionamento. Os resultados indicaram que 15% a 28% dos casais heterossexuais afirmaram ter um acordo em que permitiam o sexo extraconjugal (BLUMSTEIN & SCHWARTZ, 1983). Ao levar em conta as minorias sexuais, 65% dos homens gays e 29% das mulheres lésbicas na amostra também se envolveram em tais relacionamentos. As estimativas baseadas no estudo de Blumstein e Schwartz (1983), entretanto, são substancialmente mais altas do que as aproximações fornecidas por outros pesquisadores. Durante o mesmo período, 7% dos casais heterossexuais consideraram se engajar em relações não monogâmicas consensuais, e apenas 1,7% relataram ter uma relação aberta (COLE & SPANIARD, 1974).

Apesar de se observar diferenças nos resultados dos estudos citados, o importante a destacar é o acordo que alguns casais começaram a fazer que dizia respeito a permitir a prática do sexo extraconjugal. Em especial no poliamor, todas as pessoas envolvidas no relacionamento parecem se amar simultaneamente. Trata-se de uma nova modalidade de relacionamento, que desafia os elementos do amor romântico que pauta a sociedade ocidental, cujo paradigma central das relações amorosas se apoia na ideia de considerar que o casal se relacione apenas entre si, vivenciando a relação a dois.

Mas, o que vem a ser o poliamor? De acordo com Barker (2005), poliamor é uma relação em que é possível e aceitável amar muitas pessoas e manter várias relações íntimas e sexuais simultaneamente, sendo aberto e honesto dentro deste relacionamento.

A palavra poliamor, na sua vertente espiritualista e pagã, surge no contexto da Igreja de Todos os Mundos, em 1990. Morning Glorym, esposa de Oberon Zell, publicou um artigo intitulado “*A Bouquet of Lovers*”. No artigo ela utilizara a palavra “*poly-amorous*” para se referir as pessoas que se encontrassem em relações amorosas e sexuais com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Apesar de ter feito uso da palavra “*poly-amorous*”, a mesma não possuía pretensão de criar um novo estilo de vida, mas sim discutir a importância de os relacionamentos abertos adotarem estratégias responsáveis para que fossem duradouros e saudáveis. Ela destaca a honestidade e o compromisso como ingredientes essenciais que devem ser cultivados, uma vez que julgava ser esta a melhor maneira de se manter saudável, evitando o risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e uma oportunidade de adotar medidas preventivas adequadas (ZELL, 2010).

Após alguns meses, Oberon Zell comunicou que a Igreja recebeu um convite para participar de um evento público em Berkeley, e na ocasião eles organizaram um Glossário de Terminologia Relacional para lá apresentar; nesta oportunidade, pela primeira vez, foi usada a palavra “*polyamory*” (poliamor em português). Vale ressaltar que ao longo dos anos o casal compartilhou um relacionamento aberto, experienciando a vivência em tríade e casamento grupal com seis pessoas (CARDOSO, 2010; ZELL, 2010). Nesta direção, parte da comunidade pagã em torno de Oberon e da sua família se encontram ligados à divulgação de meios alternativos de pensar a família, sempre dentro de uma lógica religiosa, pagã e espiritualista. Outra figura de destaque dessa vertente do movimento poliamoroso é Deborah Anapol, que junto com Ryam Nearing, fundaram a *Loving More Magazine*, em 1995; em março de 1997, ela publicou o livro *Polyamory: The New Love Without Limits*, uma das referências no assunto.

Ressalta-se que apesar de existirem outras modalidades de relacionamentos não monogâmicos, como é o swing, a poligamia e a poliandria, por exemplo, e da semelhança existente com o poliamor, alguns autores chamam a atenção para as possíveis diferenças, demonstrando que o poliamor possui algumas peculiaridades que o torna distinto dos demais. Sheff (2005) e Smiler (2010) observam que poliamor não é swing, este difere pelo fato de que no poliamor é enfatizado o desenvolvimento de um relacionamento íntimo e emocional a longo prazo, contrário do que é observado no swing, em que seus praticantes, geralmente se reúnem com o propósito de troca de experiências sexuais. O poliamor também não é poligamia, que concebe apenas ao homem a permissão para ter outras parceiras; no relacionamento poliamoroso tanto homens como mulheres têm acesso a parceiros adicionais em suas relações (SHEFF, 2005).

Ainda se observa que as pessoas que se consideram poliamoristas podem assumir várias configurações em seus relacionamentos, todas adaptáveis aos desejos, necessidades e acordos dos envolvidos. Estas formas incluem: (1) *Primário* – casal em uma relação primária concorda em buscar outros relacionamentos, podendo desenvolver relações profundas e sérias ou terem amantes ocasionais; (2) *Tríade* – três pessoas desenvolvem uma relação de compromisso íntimo. É mais frequentemente formada quando um casal já existe e inclui uma terceira pessoa; e (3) *Casamento grupal ou poli-família* - Três ou mais pessoas formam um coeso sistema de relacionamento íntimo. Eles podem ter exclusividade sexual entre os participantes do grupo (isto é chamado polifidelidade) ou podem concordar com as condições em relação a ter parceiros fora do grupo (WEITZMAN, DAVIDSON & PHILLIPS, 2009).

As pessoas que passaram a praticar o poliamor como uma forma de relacionamento afirmaram que experimentaram uma melhora na sua própria autoestima e perceberam o aumento do amor entre os parceiros dos relacionamentos primários e o não interesse em terminar o relacionamento primário, compreendendo esse fato como saúde para o relacionamento. Esses dados são os resultados da pesquisa realizada por Wolfe (2003).

## A ética do poliamor

Anapol (2010) sugere que o poliamor propõe uma nova ética sexual, precisamente por cultivar princípios como honestidade e consenso, que norteiam tal prática. Klesse (2006) considera que o ideal ético de consenso só pode ser trabalhado em um processo de negociação. Essa negociação seria possibilitada pela honestidade, considerada a pré-condição para tal processo ser possível a todos, constituindo-se o axioma básico do poliamor. É principalmente devido a ênfase dada a honestidade e consenso, que frequentemente se refere ao poliamor como uma "prática responsável de não-monogamia" (KLESSE, 2006). A maioria das publicações sugere que o poliamor promove um conjunto distinto de valores.

Relacionados a este axioma encontram-se: *fidelidade e lealdade* (as promessas e acordos feitos dentro do relacionamento), *confiança, dignidade e respeito* (os parceiros de um parceiro devem ser aceitos como parte do relacionamento e não apenas tolerados), *apoio mútuo* (cada parceiro irá apoiar e não prejudicar o outro), *comunicação e negociação* (a comunicação é um mecanismo importante para reparação de eventual violação do acordo firmado) e a *não possessividade* (ANAPOL, 2010; COOK, 2005). Anapol (2010) sugere que o caráter ético do poliamor, deriva da sua forte ênfase sobre o amor, a intimidade, o compromisso de consenso e a honestidade.

Weitzman et al. (2009) advogam que viver um relacionamento amoroso de forma consensual, honesta e ética traz benefícios, e se constitui uma recompensa em si mesmo. Estes mesmos autores ainda fazem referência a algumas vantagens que os indivíduos poliamoristas identificam por viver neste modelo de relacionamentos como o fato de as poli famílias em que os parceiros vivem todos juntos desfrutarem os benefícios da cooperação das famílias, que incluem mais pessoas para compartilhar tarefas, participação no orçamento doméstico (e.g., pagamento de aluguel).

Conclui-se que a honestidade é a condição *sine qua non* da prática poliamorosa. É o ponto de partida para estabelecer uma cultura de relacionamento em que a re-negociação permanente das fronteiras se torna possível. No entanto, a honestidade é mais do que um elemento necessário em um processo de conversação. É um ícone para um alto grau de intimidade interpessoal, que se baseia no pressuposto de que não deve haver segredos e nem barreiras entre os parceiros (KLESSE, 2011).

## A noção do amor no relacionamento poliamoroso

No final do século XX e início do XXI, o poliamor apresenta um discurso diferente sobre o amor. Nesta exposição, a noção de amor é construída em torno de uma série de temas e valores, evidenciando alguns elementos importantes que aparecem em várias narrativas poli. A característica mais marcante enfatizada pelos adeptos do poliamor é a sua prática ser centrada no amor; este é um aspecto relevante na maioria das publicações que trata sobre o assunto. Apesar da centralidade do amor, há poucos relatos analíticos que discutem o tipo de amor defendido por esta nova modalidade de relacionamento. Neste sentido, Klesse (2011) se propõe a investigar o poliamor sob a perspectiva do "discurso sobre o amor", em vez de um discurso da "não monogamia".

A autora constrói esta noção do amor poli a partir de elementos que procuram caracterizá-lo. Inicialmente, ela descreve este amor como *não exclusivo*, ou seja, ele não pode ser forçado a fluir apenas numa única direção, possibilitando às pessoas amarem os parceiros que desejarem se envolver; rejeitando as convenções limitantes da sociedade (ANAPOL, 2010; KLESSE, 2011). A *liberdade* é outro tema discutido. Frequentemente alguns autores relacionam este tema ao discurso da filosofia do "amor livre", presente no final dos anos de

1960 e início dos anos de 1970. Este fato fez com que alguns poliamoristas ressissem a reivindicar este legado, já que consideravam que o discurso do “amor livre” trazia limitações impostas pelas ideologias heteronormativas e sexistas. Contudo, o movimento feminista fazia uma crítica fundamental da monogamia, com o fim de ampliar o espaço para a autonomia erótica feminina, que para muitos, em última análise, incluiu a liberdade de ter múltiplos parceiros. Neste sentido, Klesse (2006) prefere utilizar a expressão noção liberal de escolha, por julgar ser mais pertinente para ser relacionado ao poliamor.

Também são considerados os elementos compromisso e honestidade. A honestidade em especial é considerada um ícone para o desenvolvimento de um elevado grau de intimidade interpessoal, que é baseada na suposição de que não deverá haver segredos ou barreiras entre os parceiros. É uma rota importante para possibilitar o conhecimento mútuo e a proximidade íntima dos parceiros. Já o compromisso assegura que os acordos feitos entre os parceiros serão cumpridos, e é endossado no relacionamento poliamorista. É óbvio que acordos impõem restrições. Por esta razão, é difícil ver todos os adeptos do poliamor numa perspectiva de liberdade; parecendo em alguns momentos que o relacionamento poli parece andar na contramão da liberdade (KLESSE, 2011).

Alguns adeptos do poliamor consideram que esta forma de relacionamento que possibilita viver um amor tem aspecto *transcendente* (altruísta, amor do mundo, amor de Deus). De acordo com Klesse (2011), é comum ver em muitas comunidades poli uma marca espiritualista. O discurso religioso da Nova Era, do novo paganismo e religiões Wicca, tem deixado sua marca nas culturas poliamorosas contemporâneas. Neste sentido, a autora considera que o amor poli transcende a dimensão humana e evoca a noção do sagrado, expandindo para o reino da espiritualidade holística.

Como se observou, a noção de amor e a forma de amar no poliamor são bastante ecléticas, englobando discursos do amor romântico, da psicologia humanista, da ética feminista, da ideologia *queer*, da liberação sexual e de diversas formas de espiritualidade e religião. Klesse (2011) sugere que alguns aspectos dos discursos do amor romântico foram absorvidos a noção de amor poli, por se observar a ênfase dada à estreita relação entre o amor, a intimidade, o afeto, o desejo sexual e a valorização da individualidade no poliamor. Ao se propor ser uma forma de relacionamento que aceita e acolhe a diversidade (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e pessoas *queer*), pode-se argumentar que a concepção de amor poli vence aspectos da dimensão heteronormativa do amor romântico.

Diante do exposto, percebe-se que a concepção diversificada do amor adotada pelas comunidades poli impossibilita visualizar se as pessoas que vivem esta forma de relacionamento amoroso passam por etapas, até que as mesmas alcancem uma estabilidade na relação, já que defendem o desenvolvimento de um relacionamento longo e duradouro. Em seus discursos no que se refere a compreensão da forma de amar, se contradizem ao considerar elementos como compromisso e liberdade. Este talvez se constitua um aspecto crucial ao abordar a questão: liberdade *versus* compromisso; ao mesmo tempo em que a pessoa é livre para amar a quem quiser, ela esbarra nos acordos feitos nos relacionamentos que acabam por restringir de certa forma esta liberdade.

Reconhece-se a importância de compreender a noção de amor endossada pelos adeptos do poliamor, uma vez que este sentimento ocupa um lugar central no discurso deles. Além do amor, outro fenômeno de grande relevância a ser estudado é o ciúme, que exerce impacto no domínio das relações íntimas. Ele é muito enfatizado nos estudos que englobam a temática da infidelidade conjugal e também tem sido estudado no contexto dos relacionamentos abertos, já que estes admitem a presença de uma terceira pessoa na relação. Neste sentido, a seguir apresenta-se como os poliamoristas lidam com o ciúme em seus relacionamentos.

## O ciúme e o poliamor

O ciúme é um sentimento presente tanto em relacionamentos monogâmicos quanto naqueles abertos. É uma força complexa que consiste de emoções, pensamentos e ações conflitantes. Contudo, presumivelmente, aqueles que optam por viver um relacionamento aberto estarão predispostos a lidar de forma satisfatória com este sentimento. Nos relacionamentos alternativos, o ciúme não é percebido como negativo ou positivo, mas visto como uma emoção que precisa ser reconhecida e trabalhada. Pessoas que se encontram em relacionamentos abertos, muitas vezes, reconhecem a probabilidade do surgimento do ciúme e preferem explorar ativamente esta preocupação, em vez de tomar a decisão de terminar um relacionamento por causa de sua presença (FIERMAN & POULSEN, 2011).

Neste sentido, contrário ao que se pensa, casais em relacionamentos abertos expõem com mais frequência a si mesmos em situações que potencialmente podem desencadear a manifestação de ciúmes, se encontram mais vulneráveis a viver este tipo de experiência do que aqueles em relações monogâmicas. Estudos têm mostrado que cerca de 80% das pessoas que vivem em casamentos abertos experimentam o ciúme na dinâmica de suas relações extraconjugais, e o experimentam tanto ou mais do que as pessoas em relações monogâmicas (BUUNK, 1981; RAMEY, 1975; RUBIN & ADAMS, 1986; TROST, BROWN & MORRISON, 1994).

Buscando conhecer como se dá a atração entre pessoas que se assumem bissexuais, Weinberg, Williams e Pryor (1995) observaram que 77% delas que viveram em relações sexuais abertas, em algum momento, viram seus parceiros expressarem ciúme. Destes, 46,2% disseram que seus parceiros experimentaram pouco ciúme, enquanto 30,8% opinaram que o experimentaram de forma moderada a extrema. Apesar de observar que apenas 1/3 manifestaram ciúme moderado a extremo, tais resultados não podem ser generalizados para casais heterossexuais casados, visto que os participantes não eram casados, pelo menos na sua maioria. Pesquisas sugerem que pessoas que possuem atitudes favoráveis em relação ao divórcio e rejeitam a ideia de casamento em longo prazo e as que expressam mais atitudes de aceitação da possibilidade de término de um relacionamento tendem a reduzir a ameaça de perder o parceiro para um rival, expressando ciúme em menor medida (AXINN & THORNTON, 1992).

Scheinkman e Werneck (2010) ressaltam que o significado de ciúme também varia de acordo com o grupo social. Ao estudar casamentos abertos, comunidades poliamorosas e swing, Pines e Friedman (1998) concluíram que tais grupos compartilham crenças que os ajudam a reduzir o ciúme. Eles acreditam que o ciúme é uma reação aprendida que pode ser desaprendida, e que a diversidade do desejo sexual não significa que há algo errado com o casamento. Eles também acreditam que acordos explícitos sobre relacionamentos extraconjugais são essenciais para criar segurança suficiente para manter o ciúme sob controle. Os autores ainda observaram que os indivíduos nesses grupos não monogâmicos demonstram reações amenas de ciúme permanecendo o problema sob controle de normas rígidas e tempo consumido por discussões. Outra situação em que o ciúme é amenizado é na poligamia, pelo caminho construído pelos grupos de polígamos.

No contexto do poliamor as pessoas tendem a ver o ciúme como algo a ser dominado, em vez de se deixar dominar por ele. Elas estão dispostas a lidar com isso, falar sobre isso, analisar as suas causas e ver o que podem aprender com ele. Para lidar com o ciúme, os poliamoristas procuram cultivar um princípio que é bastante destacado, chamado *compersão*. Este termo se refere ao prazer e à alegria que uma pessoa sente ao ver seu (sua) parceiro(a) com outro(a) amante; é descrito como um sentimento de empatia. Este conceito foi originalmente cunhado pela extinta Comuna Kerista de São Francisco, e frequentemente



tem sido utilizado como o oposto do ciúme, sendo um método eficiente para combatê-lo. *Compersão* é comumente descrito como contrário ao ciúme, sendo uma reação mais recorrente quando o parceiro encontra um novo amor (ANAPOL, 2010; DUMA, 2009).

Duma (2009) destaca que a relação entre *compersão* e ciúme é um tema frequentemente discutido na comunidade poliamorosa e que cada indivíduo a experimenta de forma diferente. Alguns, por exemplo, já tiveram a experiência de substituir ciúme por *compersão*, outros dizem nunca ter experimentado o ciúme, apenas a partir da reação ciumenta de seus parceiros. Além disso, muitos estão convencidos de serem capazes de usar o ciúme como um impulso para a mudança em direção a uma forma menos agressiva ou invasiva de estar juntos e conciliar a livre escolha de amor com a responsabilidade de seus parceiros.

Intencionando conhecer a relação entre *compersão* e ciúme, Duma (2009) verificou que em geral as pessoas que se assumiram poliamorosas expressaram menos ciúmes quando comparadas às não poliamorosas; e entre os poliamorosos os homens demonstraram ser menos ciumentos do que as mulheres. Quanto à intensidade do ciúme, observou-se que este tende a ser expresso de forma mais constante para aqueles que experienciam um relacionamento poliamoroso, ao passo que para os que não vivem neste tipo de relacionamento o ciúme declina com a idade, sem que exista diferenças significativas entre homens e mulheres. Isso pode ser explicado pelo menor número de situações tentadoras que ocorrem com o passar dos anos.

Diante do exposto, percebeu-se que dois fatores são necessários no cenário do ciúme romântico: (1) o envolvimento real ou imaginário do parceiro com outra pessoa fora de seu relacionamento primário, e (2) o relacionamento deve ser considerado valioso e importante. Estes fatores se encontram respaldados nas diversas tentativas de definição deste construto, que de um modo geral englobam três aspectos comuns, a saber: o ciúme parte de um rival real ou imaginário; incita uma reação frente à ameaça; e, por fim, objetiva eliminar os riscos da perda do amor. Salienta-se que a construção do ciúme é vista como uma emoção social e complexa que resulta de diferentes padrões de reação.

Considerando a construção social do ciúme, pensá-lo no contexto dos relacionamentos abertos é desafiador, principalmente no que tange ao poliamor. Os adeptos do poliamor não negam a existência do ciúme, apenas o manifestam de uma forma menos agressiva e danosa aos envolvidos na relação. Os dados da pesquisa mostram algumas estratégias por eles utilizadas que ajudam a manter o ciúme sob controle: crenças compartilhadas que ajudam a reduzir o ciúme; disposição para “desaprender” reações inadequadas diante de situações que demonstrem ciúme, considerando que sentir desejo por outras pessoas além do seu parceiro, não põe o casamento em perigo; ter conhecimento e acordos claros acerca das relações extraconjugais gera segurança; e estabelecimento de normas rígidas que inibam as manifestações agressivas de ciúme (DUMA, 2009; PINES; FRIEDMAN, 1998).

Os poliamoristas procuram sempre discutir o termo *compersão* dentro do grupo, uma vez que este diz respeito à alegria que a pessoa sente ao ver seu parceiro feliz com outra pessoa. Eles tentam aplicar este termo no nível do relacionamento com o fim de lidar com as questões relacionadas ao ciúme (DUMA, 2009).

Em resumo, tais constatações deixam claro que os adeptos do poliamor não se encontram isentos de sentir o ciúme; porém, salienta-se que o ciúme é experimentado em menor grau quando comparado ao que ocorre com aqueles que não são poliamoristas. Verificou-se ainda que homens poliamorosos são menos ciumentos do que as mulheres; e que ambos buscam estratégias para lidar com este sentimento.

## Considerações finais

A prática de relacionamentos amorosos e sexuais que desafiam a noção da monogamia está se tornando cada vez mais comum e visível na sociedade, entretanto, ainda se observa uma escassez de publicação científica acerca da dinâmica dos relacionamentos não monogâmicos (FIERMAN & POULSEN, 2011). Neste sentido, entende-se que os estudos apresentados reúnem resultados relevantes que contribuem para ampliação do arcabouço teórico em torno desta temática dentro dos círculos acadêmicos (e.g., COOK, 2005; KEENER, 2004; MCLUSKEY, 2009; SHEFF, 2005; WOLFE, 2003).

Apesar da escassez de estudos, mais precisamente, com a temática do poliamor, se observa que alguns pesquisadores recebem destaque. Entre estes, encontra-se Elisabeth Sheff, que no ano de 2013, publicou o livro *“The Polyamorists Next Door: Inside Multiple-Partner Relationships and Families”*; este é resultado de um estudo etnográfico longitudinal, realizado no período de quinze anos, em que ela tenta responder uma das principais questões mais inquietantes sobre o poliamor que diz respeito as chamadas poli famílias: *“poliamor é prejudicial para as crianças?”*.

Os resultados desse estudo demonstraram que as crianças identificam uma série de vantagens em viver em uma poli família, incluindo benefícios práticos que dizem respeito a importância de ter várias pessoas disponíveis para passeio como também ter dinheiro para todos; benefícios emocionais e pessoais, que englobam a ênfase dada pelos poliamoristas a honestidade na comunicação, a liberdade e a escolha, algumas crianças apreciam a honestidade dos pais; como também consideram que esses aspectos promovem uma atmosfera familiar descontraída, sem tensão. Também foram observadas desvantagens, a saber: sofrimento das crianças quando um dos membros sai da família, quando sofrem estigma social por fazerem parte desse modelo de família, falta de privacidade, ser monitorado por vários pais, queixa principal dos adolescentes e a complexa dinâmica dessa estrutura familiar (GOLDFEDER; SHEFF, 2013).

De acordo com Goldfeder e Sheff (2013) as poli famílias não possuem tanta visibilidade ou reconhecimento social. Este fato talvez possa ser explicado por Keener (2004), ao expor que os relacionamentos abertos tendem a ser socialmente isolados devido à sua invisibilidade, e identifica alguns medos comuns que acometem os que assumem tal prática, como perda de amizades, falta de compreensão, preconceito.

Freire, Santos, Gouveia, Gomes, Gonçalves e Freires (2014), no estudo realizado com o fim de conhecer se os valores, o amor e o ciúme explicam a atitude das pessoas em relação ao poliamor, a partir dos resultados perceberam que as pessoas com atitudes favoráveis ao poliamor, como uma forma de relacionamento, tendem a ser guiadas por valores pessoais. Essas pessoas parecem ser mais liberais e menos convencionais e seguem menos normas sociais, exibindo resistência aos estereótipos culturais sobre o romantismo que englobam os ideais do amor romântico.

Por outro lado, para pessoas que se pautam por valores sociais, essas se mostram menos favoráveis às atitudes frente ao poliamor. Estas tendem a priorizar a crença na onipotência do amor, como um meio que leva à felicidade, considerando a possibilidade de que o amor só pode ser direcionado para uma única pessoa, assim, valoriza a exclusividade do parceiro. Esses achados possibilitaram afirmar que os valores sociais predizem atitudes negativas em relação ao poliamor, enquanto os valores da natureza pessoal predizem atitudes positivas.

Ainda se observou que as pessoas que norteiam seus relacionamentos amorosos pelos princípios do amor romântico tendem a ser menos favoráveis ao poliamor. Em geral, o amor romântico propõe que o amor deve ser exclusivo, direcionado a uma única pessoa.

Vale ressaltar que o poliamor, enquanto relacionamento amoroso, é contrário à ideia da relação amorosa ser única e exclusiva com uma única pessoa; ele abre espaço para as pessoas amarem os parceiros que desejarem (ANAPOL, 2010; KLESSE, 2011). E por fim, o fator ciúme "não ameaça" e demonstra maior poder preditivo na explicação de atitudes em relação ao poliamor. As pessoas que são caracterizadas por este fator geralmente não se importam ou se sentem ameaçadas pela presença de uma terceira pessoa em seu relacionamento. Nesse sentido, supõe-se que nos relacionamentos abertos o ciúme não é percebido como negativo ou positivo, mas visto como uma emoção que precisa ser reconhecida e trabalhada no contexto da relação (FIERMAN & POULSEN, 2011).

No caso específico do poliamor, as pessoas parecem dispostas a lidar com o ciúme, falar sobre isso, analisar suas causas e ver o que podem aprender. Eles não negam sua existência; procuram tratar apenas de forma menos agressiva e prejudicial para os envolvidos no relacionamento (ANAPOL, 2010; DUMA, 2009). Diante dos resultados dessa pesquisa fica evidente a contribuição dos valores, do amor e do ciúme para prever atitudes das pessoas em relação ao poliamor. Indicando que, em uma sociedade mais convencional, as pessoas defendem a exclusividade de parceiro, não admitem uma terceira pessoa em seu relacionamento. Por outro lado, os valores pessoais e o fator do ciúme "não ameaça" atuam como preditores de atitudes favoráveis ao poliamor.

Wolfe (2003), no intuito de conhecer o grau em que as pessoas que se identificam como poliamorosas se adaptam a ideologia poli, realizou um estudo onde foi possível identificar que para a maioria das pessoas entrevistadas a prática do poliamor foi naturalmente adaptativa. Cerca de 90% dos respondentes obtiveram uma melhor perspectiva de si mesmo e do parceiro. Além disso, um total 97% não relataram interesse em terminar relacionamentos de origem.

Ao examinar as maneiras pelas quais as pessoas constroem suas relações poliamorosas em meio a uma cultura dominante da monogamia heteronormativa, McLuskey (2009), em seu estudo, observou que as pessoas praticantes do poliamor praticamente não dispõem de opções e possibilidades para construir seu mundo; o autor sugere que a invisibilidade destas opções limita suas escolhas. Neste sentido, concluiu-se que o poliamor parece ter respondido à crise vivida por essas pessoas em relação às suas visões de relacionamento, para qual a monogamia não poderia fornecer uma solução adequada.

Nessa direção, Barker (2005), com o objetivo de examinar a maneira como os indivíduos constroem suas identidades poliamorosas pessoais e de grupo em relação à monogamia convencional e explorar as implicações do poliamor para o sentimento próprio das pessoas, observou que os participantes da pesquisa consideravam o poliamor como um relacionamento relativamente invisível na sociedade, sugerindo a necessidade dos poliamoristas fazerem um relato de história de relacionamento bem sucedido. Foi percebido a existência de pessoas dispostas a reivindicar essa história como sua e contá-la de forma visível, entretanto, elas tinham dificuldade de encontrar apoio e credibilidade das pessoas fora da comunidade poliamorosa.

Já Cook (2005), em sua pesquisa, se propôs a investigar a natureza do compromisso dos casais nos relacionamentos poliamorosos. Os resultados sugeriram que o desejo de estar juntos e encontrar valor no relacionamento pode ser um fator importante para o sucesso dos relacionamentos. Os entrevistados reconheciam que o novo relacionamento era apenas uma fase que estavam vivendo, não significando ser este melhor ou superior ao já existente. Deste modo, eles buscavam ser flexíveis e criativos na forma de se relacionar, sendo estes também fatores que expressam a natureza do compromisso.

A descrição feita acerca do poliamor não pode ser compreendida como uma palavra final acerca da temática abordada. Estudá-lo é essencial para a construção de uma

compreensão do modo como as pessoas pensam e se posicionam frente a esta nova forma de relacionamento. Fierman e Poulsen (2011) afirmam que relacionamentos amorosos e sexuais que desafiam a noção da monogamia estão se tornando cada vez mais comum e visível na sociedade, mas que há pouca literatura publicada na área e que estudos acerca desses relacionamentos não monogâmicos têm sido negligenciados pela área acadêmica. Estudos mais recentes sugerem que relacionamentos não monogâmicos consensuais possuem um bem-estar psicológico e uma qualidade no relacionamento semelhantes aos monogâmicos (RUBEL & BOGAERT, 2015).

Apesar dos relacionamentos não monogâmicos consensuais oferecerem bem-estar psicológico para os praticantes, pesquisas demonstram que nem todos os tipos de relacionamentos com essas características são favoráveis. Matsick, Conley, Ziegler, Moors e Rubin (2014) realizaram uma pesquisa com o fim de examinar qual o tipo de relação não monogâmica consensual era mais propenso a ser estigmatizado. Os resultados demonstraram que os praticantes do swing e de relações abertas foram percebidos de forma mais negativa do que os praticantes do poliamor. Em geral, essas descobertas sugerem que as pessoas se sentem mais desconfortáveis com a ideia de relacionamentos estritamente sexuais (relações de swing) do que relacionamentos envolvendo atributos românticos/emocionais (relações poliamorosas).

Entretanto, ainda que no estudo anteriormente citado o poliamor foi percebido como um relacionamento favorável pelos participantes da pesquisa, esse fato não isenta os seus praticantes de serem alvos de preconceito. Esse aspecto pode ser confirmado no estudo realizado por Nearing (2000) que identificou que a maioria dos indivíduos poliamorosos entrevistados achavam que havia preconceito contra seu estilo de vida, com 43% relatando ter passado por experiência pessoal de discriminação. Em um levantamento realizado com quase 4000 pessoas que se identificavam como poliamorosas, um número considerável (28,5%) relatou ter experimentado discriminação em comparação com taxas muito mais baixas relatadas por afro-americanos (12,8%) e pela população em geral como um todo (5,5%) (COX, FLECKENSTEIN, & BERGSTRAND, 2013).

A prática de ter relacionamentos que envolvem múltiplos parceiros sexuais leva à estigmatização, independente da opção do estilo de relacionamento não monogâmico consensual. Hutzler, Giuliano, Herselman e Johnson (2016) realizaram um estudo com o fim de conhecer a percepção das pessoas em relação ao poliamor. Eles identificaram diferenças individuais que predizem as atitudes das pessoas em relação ao poliamor. Nesse sentido, os autores identificaram uma série de percepções negativas direcionadas aos indivíduos que se encontram numa relação poliamorosa. Por exemplo, se percebeu que os indivíduos poliamorosos (em relação aos indivíduos monogâmicos) são vistos como aqueles que se envolvem em mais comportamento sexual de risco. É fato que os indivíduos poliamorosos tendem a ter mais parceiros sexuais e a praticar mais atividade sexual quando comparados à população em geral. No entanto, essas percepções são imprecisas porque as pessoas que se identificam como poliamorosas são, de fato, mais propensas a praticar sexo seguro (CONLEY, MOORS, MATSICK, & ZIEGLER, 2013). Desta forma, a crença infundada de que o poliamor coloca seus participantes em maior risco de DSTs poderia ser usada como uma razão potencial para discriminar os indivíduos nessas relações.

Os autores que realizaram essa pesquisa ainda perceberam que os indivíduos que possuíam uma postura política mais conservadora e expressavam níveis altos de religiosidade tendiam a apresentar uma atitude menos favorável ao poliamor; e ainda se observou que os homens mais do que as mulheres demonstraram uma atitude mais favorável ao poliamor como forma de relacionamento. Vale ressaltar que os homens apresentaram níveis mais baixos de religiosidade quando comparados às mulheres, e a religiosidade se relacionou de forma negativa com o interesse em ter uma relação poliamorosa. Dito de outra forma,

pessoas com níveis altos de religiosidade tendem a não ser favorável ao poliamor como relacionamento amoroso.

Diante dos estudos citados, não se pode negar que a presença de relacionamentos não monogâmicos consensuais é uma prática que tem sido cultivada entre casais que tem se tornado comum e visível na sociedade. Esse fato pode ser reflexo das transformações notórias que a conjugalidade vem sofrendo. Em que o casamento deixa de ser concebido como uma condição natural e “eterna”, não sendo mais para toda a vida, passando a relação entre os cônjuges a durar enquanto houver satisfação suficiente, podendo tal relação ser rompida a qualquer momento por um deles; neste contexto a expressão “até que a morte nos separe” passa a ser substituída pela ideia de que a relação entre os cônjuges deve ser pautada mais por um desejo recíproco do que por uma obrigação. Este fenômeno reflete a ênfase que tem sido dada mais ao desenvolvimento da autonomia e satisfação de cada cônjuge do que aos laços de dependência entre eles, e ainda reflete a emancipação e autonomia das mulheres (ZORDAN, FALCKE, & WAGNER, 2009).

Assim, homens e mulheres se confrontam com duas forças paradoxais, que abrangem os ideais individualistas e a necessidade de vivenciar a realidade comum de um casal. Considera-se, então, que o ideal igualitário predominante na sociedade contemporânea promoveu transformações importantes nos modelos de casal, que se constroem, desconstroem e reconstroem, emergindo daí novas formas de manifestação da conjugabilidade, como o casamento homossexual, a coabitação e união estável, a relação virtual, o ficar e o poliamor (FERES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2009).

Em geral o que se observa é que as formas de relações amorosas alternativas têm permanecido à margem da sociedade por questionarem o modo de união sexual legitimado na sociedade ocidental. Não obstante, no Brasil, poucos estudos têm sido realizados envolvendo este tema, de forma a possibilitar melhor compreensão do funcionamento da dinâmica deste tipo de relacionamento. Estima-se que este trabalho agregue contribuições relevantes de modo a ampliar as discussões desse tema nos círculos acadêmicos. Estudar este tema é essencial para a construção de uma compreensão do modo como as pessoas pensam e se posicionam frente a esta nova forma de relacionamento. Desta forma, pesquisas futuras deveriam colaborar para o avanço teórico desta temática no Brasil, desenvolvendo modelos explicativos que visem identificar as principais variáveis envolvidas na explicação da complexidade da dinâmica do poliamor como explicadores da intenção em aderir ao poliamor como forma de relacionamento amoroso e as implicações desta escolha para a configuração e estrutura familiar.

## Referências

ANAPOL, D. (2010). **Polyamory in the twenty-first century: Love and intimacy with multiple partners**. Lanham CA: Rowman & Littlefield Publishers.

AXINN, W. G., & THORNTON, A. (1992). The relationship between cohabitation and divorce: Selectivity or causal influence? **Demography**, 29, 357–374.

BARKER, M. (2005). This is my partner and this is my partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. **Journal of Constructivist Psychology**, 18, 75–88.

BARKER, M. & LANGDRIDGE, D. (2010). Whatever happened to non-monogamies: Critical reflections on recent research and theory. **Sexualities**, 13, 748-772.

BLUMSTEIN, P., & SCHWARTZ, P. (1983). **American couples: Money, work, sex**. New York: William Morrow.

BUUNK B. (1981). Jealousy in Sexually Open Marriages. **Alternative Lifestyles**, 4, 357-372.

- CAMPOS, R. F. (2006). Ética Contemporânea: os anos 60 e o projeto da psicologia humanista. *Epitemo-Somática*, 3, 242- 260.
- CARDOSO, D. S. (2010). **Amando vári@s: Individualização, redes, ética e poliamor**. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- COLE, C. L., & SPANIARD, G. B. (1974). Comarital mate-sharing and family stability. *Journal of Sex Research*, 10, 21-31.
- CONLEY, T. D., MOORS, A. C., MATSICK, J. L., & ZIEGLER, A. (2013). The fewer the merrier?: Assessing stigma surrounding consensually non-monogamous romantic relationships. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 13, 1–30.
- COOK, E. (2005). **Commitment in polyamorous relationships**. Dissertação de Mestrado não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Regis.
- COX II, D. W., FLECKENSTEIN, J., & BERGSTRAND, C. R. (2013). What do polys want? An overview of the 2012 loving more survey. *Loving More Magazine*. Retrieved from <http://www.lovemore.com/polyamory-articles/2012-lovingmore-polyamory-survey/>
- DUMA, U. (2009). **Jealousy and compersion in close relationships: Coping styles by relationship types**. Dissertação de Mestrado não publicada, Johannes Gutenberg Universität Mainz.
- FERES CARNEIRO, T., & ZIVIANI, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. In T. Feres Carneiro (Org.), **Casal e família: Permanências e rupturas**, 83-107. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- FERREIRA, N. M. (2005). Paz e Amor na Era de Aquário: A Contracultura nos Estados Unidos. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 33, 68-74.
- FIERMAN, D. M. & POULSEN, S. S. (2011). **Open relationships: a culturally and clinically sensitive approach**. At the edge: Exploring Gender and Sexuality in Couples and Families. *American Family Therapy Academy, Monograph Series*, 7, 16–24.
- FREIRE, S. E. A, SANTOS, F. S. M., GOUVEIA, V. V., GOMES, A. I. A. S. B., GONÇALVES, M. P. & FREIRES, L. A. (2014). Attitudes towards polyamory: an explanation based on values and affections. In **Love, Family and Friendship: a Latin American perspective**. 12 Back Chapman Street, Newcastle upon Tyne, NE6 2XX, UK: Cambridge Scholars Publishing 28-44.
- GIDDENS, A. (1993). **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP.
- GOLDFEDER, M. & SHEFF, E. (2013). Children of Polyamorous Families: A First Empirical Look. *LSD Journal*, Vol. 5, 2013, 150-243.
- HARITAWORN, J., LIN, C., & KLESSE, C. (2006). Poly/logue: A critical introduction to polyamory. *Sexualities*, 9, 515–529.
- HUTZLER, K. T., GIULIANO, T. A., HERSELMAN, J. R., & JOHNSON, S. M. (2016) Three’s a crowd: public awareness and (mis)perceptions of polyamory. *Psychology & Sexuality*, 7, 69-87.
- KEENER M. C. (2004). **A phenomenology of polyamorous persons**. Dissertação de Mestrado não publicada. The University of Utah.
- KLESSE, C. (2006). Polyamory and its ‘others’: Contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, 9, 565–583.
- KLESSE, C. (2011). Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. *Laboratorium*, 3, 4–25.
- MATSICK, J. L., CONLEY, T. D., ZIEGLER, A., MOORS, A. C. & RUBIN, J. D. (2014). Love and sex: polyamorous relationships are perceived more favourably than swinging and open relationships. *Psychology & Sexuality*, 5, 339-348.

- MCLUSKEY, K. (2009). **Polyamory: Constructing relationships outside of monogamy**. Dissertação de Mestrado não publicada. Departamento de Sociologia, Universidade de Victoria, Canadá.
- NEARING, R. (2000). Polyamory demography—the ‘Loving More Magazine’ study. Bloomington, In: **The Kinsey Institute**. Retrieved from <http://www.kinseyinstitute.org/resources/Nearing.html>
- PINES, A. M., & FRIEDMAN, A. (1998). Gender differences in romantic jealousy. **Journal of Social Psychology**, *138*, 54-71.
- PIEPER, M & BAUER, R. (2005) **Call for papers: international conference on polyamory and mono-normativity**. University of Hamburg, 5–6 November 2005. Acessado 30 Agosto 2011): <http://www.wiso.uni-hamburg.de/index.php?id!43495>.
- PILÃO, A. C. & GOLDENBERG, M. (2012). Poliamor e Monogamia: Construindo Diferenças e Hierarquias. **Revista Ártemis**, v. 13, 62-71.
- PILÃO, A. (2015). Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. **Cadernos Pagu** (44), 391-422.
- RAMEY J. W. (1975). Intimate groups and networks: Frequent consequences of sexually open marriage. **Family Coordinator**, *24*, 515-530.
- RUBEL, A. N. & BOGAERT, A. F. (2015). Consensual nonmonogamy: psychological well-being and relationship quality correlates. **Journal of Sex Research**, *52*, 961–982.
- RUBIN A. M., & ADAMS J. R. (1986). Outcomes of sexually open marriages. **Journal of Sex Research**, *22*, 311-319.
- RUBIN, R. H. (2001). Alternative lifestyles revisited, or whatever happened to swingers, group marriages, and communes? **Journal of Family**, *22*, 711-726.
- SCHEINKMAN, M., & WERNECK, D. (2010): Disarming jealousy in couples relationships: a multidimensional approach. **Family Process**, *49*, 486-502.
- SHEFF, E. (2005). Polyamorous women, sexual subjectivity, and power. **Journal of Contemporary Ethnography**, *34*, 251-283.
- SMILER, B. (2010). There’s no such thing as polyamory. **Electronic Journal of Human Sexuality**, *14*. Retirado de [www.ejhs.org](http://www.ejhs.org).
- STEARNS, P. N. (2010). **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto.
- TROST, M. R., BROWN, S., & MORRISON, M. (1994). **Jealousy as an adaptive communication strategy**. Paper presented at the annual meeting of the Speech Communication Association, New Orleans, LA.
- WEINBERG, M. S., WILLIAMS, C. J., & PRYOR, D. W. (1995). **Dual attraction: Understanding bisexuality**. New York, NY: Oxford University Press.
- WEITZMAN, G., DAVIDSON, J., & PHILLIPS, Jr., R. A. (2009). **What psychology professionals should know about polyamory**. New York: National Coalition for a Sexual Freedom Inc.
- WOLFE, L. P. (2003). **Jealousy and transformation in polyamorous relationships**. Dissertação de Mestrado não publicada. The Institute for Advanced Study of Human Sexuality, São Francisco, Califórnia.
- ZELL, M. G. (2010, December 11) **A Bouquet of Lovers: Strategies for Responsible Open Relationships**. Retirado de <http://www.patheos.com/Resources/Additional-Resources/Bouquet-of-Lovers>.
- ZORDAN, E. P., FALCKE, D; WAGNER, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, *15*, 56-76.